

A educação e a singularidade da existência

Maria de Lourdes Ramos da Silva¹

Resumo: O texto é uma homenagem ao Mestre João Eduardo Rodrigues Villalobos, professor de filosofia e história da educação da Faculdade de Educação da USP ao longo de minha formação universitária. Para tanto, são discriminadas as relações plausíveis entre o homem e a verdade e distingue-se o mundo das certezas apodíticas (universais) e o mundo das pequenas certezas práticas, inerentes a cada consciência. Considera-se que somente por meio da reflexão contínua, do *nosce te ipsum* socrático (conhece-te a ti mesmo) é que o espírito pode alcançar a autonomia, resguardando-se de um perigo que o ronda a todo momento: o de aderir às verdades consideradas por outros como definitivas.

Palavras Chave: certezas apodíticas, certezas práticas, *nosce te ipsum*, autonomia.

Abstract: The text is a tribute to the Master *João Eduardo Rodrigues VillaLobos*, professor of philosophy and educational history at School of Education of USP (University of Sao Paulo) throughout my university education. For this purpose, the plausible relations between man and the truth are discriminated and the world of universal certainties is distinguished from the world of small practical certainties, inherent to each of the consciousness. It is considered that only by continuous reflection, from *nosce te ipsum* Socratic that the spirit can reach autonomy, protecting itself from danger at all times: to adhere to the truths considered definitive by others.

Keywords: apodic certainties, practical certainties, *nosce te ipsum*, autonomy.

INTRODUÇÃO

Os encontros que o destino nos possibilita com alguns professores com os quais sentimos afinidade em relação a idéias, valores e opções de vida representam sem dúvida marcos indelévels no percurso de nossa formação filosófica, ética, política e moral.

Um desses mestres, cuja postura e ensinamentos foram decisivos para a minha formação, foi o mestre João Eduardo Rodrigues Villalobos. Para ele, a busca de um caminho capaz de salvaguardar o espírito contra a contínua tentação de aderir às verdades consideradas por outros como universais e necessariamente válidas, representou sem dúvida uma inquietação metafísica que o perseguiu ao longo de sua existência e que pode ser facilmente percebida na emotiva homenagem que dedicou a seu mestre logo no início do livro *Lógica e Existência* (1971):

Pode ocorrer, porém, que a sorte nos apresente um espírito singular, oficialmente iletrado, mas riquíssimo de palavras e ações. E passamos então a desconfiar, com certa timidez a princípio, mais corajosamente em seguida, que os grandes espíritos não serão os que, à direita ou à esquerda, se acomodam ao jargão, às banalidades do *hic et nunc*, vaidosos e satisfeitos consigo mesmos e temerosos da platéia que os observa. Como não podem ser, da mesma forma, os que acreditam e às vezes sinceramente, nas palavras bem pronunciadas ou escritas, como

¹. Professora Livre-docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Orientadora de dissertações de mestrado e teses de doutorado e autora de diversos livros e artigos publicados. Especialista junto ao Conselho Estadual de Educação de SP e junto a Comissões de avaliação do MEC. Principais linhas de pesquisa: representações, saberes e práticas das identidades docentes; perfis psicológicos e opções profissionais; música, arte e identidades; formação docente; gênero, sexualidade e identidades docentes. E-mail: mlramos@usp.br

se elas fossem suficientes para o entendimento das coisas (...) À memória de Alfredo Graziano, meu professor sem diploma, homem que jogou seu destino inteiro numa única parada e que, por isto mesmo, jamais poderia entender os motivos que levam alguém a preocupar-se com questões que parecem a nada conduzir, minha comovida homenagem.

Tive o privilégio de ser sua aluna durante alguns semestres consecutivos nas disciplinas de história e filosofia da educação, tanto no curso de graduação em Pedagogia como no de pós-graduação na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E essa dúvida metafísica instalou-se para sempre em minha alma.

De modo geral, nossa formação filosófica focalizava quatro itens básicos que acompanhavam os diversos períodos da história da educação e da filosofia e que representam temas constantes da existência humana: o homem e o mundo da natureza (relações entre a filosofia, ciência e tecnologia, o espírito científico, a responsabilidade da ciência e os métodos científicos); o homem e o mundo da cultura (natureza e cultura, historicidade do homem, linguagem, valores e a dimensão estética do universo), o homem e os outros homens (o eu e o outro, ser e dever ser, a consciência moral, o mundo jurídico e o mundo moral), o homem e o destino (a condição humana, o significado da vida e os grandes problemas da existência humana, o problema da finalidade, humanidade e liberdade).

Aos poucos, as aulas e os seminários por ele ministrados, nos quais espíritos como Platão, Aristóteles, Sêneca, Descartes, Locke, Spinoza, Leibniz, Berkeley e Hume eram arduamente discutidos, possibilitaram o despertar do espírito filosófico em minha consciência, por meio de uma atitude de dúvida constante tanto em relação às certezas que costumam ser consideradas como definitivas, como em relação ao poder da razão fora do campo das evidências formais.

Assim, Villalobos não foi apenas mestre de conhecimentos, mas, acima de tudo, um mestre de vida, um testemunho vivo de valores e de opções éticas, que ajudaram a delinear o horizonte de minha existência. Extremamente exigente com as produções intelectuais que nos apresentava em classe, propunha-nos temas de filosofia, história, ética e política que ensejavam o exercício de pensar, de refletir e de indagar.

Como professor responsável pelas disciplinas de filosofia da educação e de história da educação, o professor Villalobos tornou-se meu amigo, pois, como afirma Gusdorf, a pedagogia é sempre secretamente uma forma de amizade, uma vez que a amizade pelo mestre e a amizade pela verdade são a mesma verdade (Gusdorf, 1971, p. 212). Não obstante, em inúmeras ocasiões, o embate causado entre suas palavras e as minhas pequenas certezas práticas, forçaram-me a rever o universo de minhas crenças, de meus preconceitos e de meus limites.

Pouco a pouco, pude conhecer suas diversas faces. Aprendi na vida a não contentar-me apenas com o mundo das “aparências” e a buscar, sempre que possível, as relações invisíveis que se escondem atrás do visível. Aprendi também que o saber não se pode adquirir sem esforço e que permanece sempre como um segredo daquele que sabe, pois uma verdade só o será para outrem quando este outrem for capaz de encontrar os fundamentos dessa verdade em si mesmo.

Além disso, aprendi ainda que a solidão e a inquietude são características inalienáveis da existência e que é preciso aprender a conviver com ambas. E aprendi também que a independência de julgamento e o livre exercício da atividade intelectual

são vitais àqueles que enveredam pelo caminho da filosofia e que desejam continuar intelectualmente vivos, seja qual seja a atividade profissional a que se dediquem.

O homem e a verdade

A trajetória vivida por cada homem ao longo de sua existência é sem dúvida uma história indecifrável, enigmática, que se reporta não só às experiências por ele vividas, como também ao modo como as viveu e ao que nelas esteve em jogo nos diversos momentos.

Seu livro “Lógica e Existência”, editado em 1971, representa, segundo o autor, uma confissão. A partir de uma frustrante experiência como professor de lógica no ensino médio, Villalobos percorre um itinerário a partir de algumas reflexões filosóficas e pedagógicas, que se afiguram decisivas para entender o seu percurso enquanto professor de filosofia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Através de uma original independência intelectual e de uma penetrante análise histórica e crítica, o autor trata de alguns temas de importância incontestável não só para o campo da lógica, como também para o campo da filosofia da educação. Entretanto, é no último capítulo, ao tratar das certezas apodíticas e do *nosce te ipsum*, que as relações do homem com a verdade são decisivamente esmiuçadas.

Com esse objetivo, distingue dois mundos: o mundo das certezas apodíticas, universais e silenciosas e o mundo das certezas práticas, transitórias, ruidosas, efêmeras e inerentes a cada indivíduo. À medida que os limites entre esses mundos nem sempre são tão nítidos como seria desejável, nem sempre é possível distingui-los com precisão. Por essa razão, é preciso proteger o espírito quanto ao perigo eminente de aderir a verdades que, embora práticas e transitórias, costumam muitas vezes afigurar-se como definitivas e apodíticas.

A partir dessa distinção, o autor define qual é a missão do mestre de filosofia: a de possibilitar o desenvolvimento do *nosce te ipsum* socrático em seus alunos, para que eles aprendam a conduzir-se por si mesmos e para que possam manter a crença de que o acordo entre os homens é sempre possível, apesar de transitório e sempre limitado.

Ao tratar das relações entre o homem e a verdade, Villalobos demonstra uma coragem ímpar frente à complexidade inerente ao tema. Pois, se, por um lado, a busca da verdade representa uma saga inerente ao espírito humano, por outro, ela só poderá ser alcançada mediante uma luta sem trégua que cada um tem que travar consigo próprio. Não há outro caminho. E à medida que o espírito cede às verdades aceitas por uma maioria como definitivas, sujeita-se a diversos perigos, principalmente o de perder-se a si próprio.

Qualquer adesão a dogmas externos (sejam estes quais forem) afasta o homem de si próprio. E qualquer atitude cética é também dogmática, porquanto afasta o homem da busca da verdade. Neste caso, a liberdade de pensamento é o único caminho capaz de propiciar o sentido ético da vida.

Não obstante, freqüentemente o espírito humano abdica de sua liberdade de pensar. Tanto ao pretender que os demais compartilhem de suas mesmas certezas, como ao identificar-se com aquelas verdades aceitas pelo grupo (social, religioso, etc), o sujeito demonstra uma profunda descrença na inteligência e uma tendência inabalável para confiar mais nas verdades consideradas pelos outros como definitivas do que em si próprio.

Dogmatismo cético e ceticismo dogmático

Há um mundo de “pequenas” certezas que nada têm a ver com o mundo das certezas universais possíveis. Apesar de efêmeras, circunstanciais e ruidosas, acostumamo-nos a essas certezas e passamos a confiar nelas para pautar nossas decisões. Hume, em seu livro *Investigação acerca do entendimento humano* (1972, p. 47), afirma que o costume “é o único princípio que torna útil nossa experiência e nos faz esperar, no futuro, uma série de eventos semelhantes àqueles que apareceram no passado”.

À medida que o sujeito é capaz de distinguir esses dois mundos de certezas (o pequeno mundo das certezas práticas e o mundo das certezas universais possíveis), dificilmente se perderá de si mesmo. Sempre levará em consideração a idéia da relatividade inerente ao mundo das certezas práticas em seus atos e em seus julgamentos, onde quer que esteja.

Entretanto, como nem sempre os limites desses dois mundos são nítidos (o das certezas práticas e o das certezas universais possíveis), a confusão entre eles torna-se inevitável. Diante desse impasse, o homem procura apoiar-se na experiência do pequeno mundo das certezas práticas ao seu alcance, passando a considerar que outras verdades em si mesmas pertencem à mesma natureza das primeiras. Consequentemente, passa a confundir as certezas práticas com as certezas universais e a esperar que os demais compartilhem de suas verdades.

Neste ponto, deparamo-nos com uma controvérsia inexorável. Se partirmos do pressuposto de que todas as certezas práticas são efêmeras, precárias e discordantes no tempo e no espaço, porque devemos acreditar que um sistema de verdades pode ser mais verdadeiro do que outro? E, mesmo que isso aconteça, por quanto tempo poderá manter-se essa verdade?

Do lado oposto, a imposição de uma verdade tida como inquestionável pode levar à submissão da consciência à razão de outrem, e que é favorecida, na maioria das vezes, por traços de personalidade específicos, tais como: o temperamento dócil, a deficiência intelectual, a quietude espiritual ou a ignorância de si mesmo. Essa adesão à autoridade externa é quase sempre motivada pela busca e pelo anseio angustiados de uma pretensa paz.

Uma das conseqüências mais corrosivas que pode advir desses dois tipos de relações entre homem e verdade (a de impor suas próprias certezas aos demais ou a de integrar-se num grupo identificando-se com ele pela aceitação das mesmas verdades) é a de que a pessoa passe a considerar qualquer outra que se recuse a essa integração como um ser estranho e até perigoso. Tal rejeição tem assumido, ao longo da história da humanidade, diversas fisionomias e diversos tipos de oposição.

Além da adesão do espírito às certezas que passam a ser consideradas como definitivas e universais (por imposição ou por submissão), o ceticismo constitui, segundo Villalobos, uma outra forma de morte intelectual. As intermináveis e estéreis disputas que costumam dividir os homens, não raro ocasionam no indivíduo a crença de que realmente nenhuma verdade é possível. E, na maioria das vezes, a pessoa alcança uma tranquilidade temporária que lhe ameniza a frustração resultante do fato de considerar infrutífero qualquer consenso nesse campo.

Tanto no dogmatismo como no ceticismo, há uma profunda descrença na inteligência e uma confiança cega em verdades presumidas como definitivas. Não obstante, é essa adesão pronta às certezas definitivas que podem representar o prenúncio da morte espiritual do próprio homem.

Logo, parece que ao ser humano não resta outra alternativa: ou suporta o mal e tenta transformá-lo numa obra de cultura e civilização, ou “desiste de viver”, quer seja

por meio da adesão intelectual a verdades dogmáticas, quer seja por meio da descrença generalizada. E este é o grande desafio com o qual o espírito humano tem que se defrontar continuamente.

Conhece-te a ti mesmo

Diante desse impasse, pergunta Villalobos: como pode um professor ensinar filosofia, se tem de admitir quão pequeno é o universo das certezas apodíticas e que, portanto, outras verdades podem constituir mundos próprios igualmente possíveis? E o que pode fazer um professor de filosofia socráticamente convencido de que nunca deverá impor suas verdades a quem quer que seja?

Se considerarmos que a influência decisiva que um homem pode desempenhar sobre outro exerce-se além da palavra expressa, talvez o único caminho possível seja por meio do exemplo que possa transmitir.

Embora o mestre não tenha respostas para as inquietações e dúvidas manifestadas pelos alunos, pode ajudá-los a compreender que nenhuma salvação surgirá a não ser aquela que eles próprios conseguirem encontrar dentro de si mesmos, pois cada qual deverá procurar em si mesmo os caminhos da existência, caminhos esses que ninguém mais poderá ensinar.

A trilha que pode conduzir à verdade não se encontra a partir de uma imitação desta ou daquela personagem exterior, mas somente por meio de um exame de consciência que permite à pessoa reconhecer as suas próprias razões de ser. Portanto, somente a postura socrática, o *nosce te ipsum*² pode garantir ao espírito a segurança contra a adesão pronta às certezas definitivas.

Neste sentido, a polêmica travada nos diálogos platônicos entre Sócrates e os sofistas marca a consolidação de duas pedagogias distintas, que a partir desse momento tomam caminhos divergentes.

De um lado, apoiada numa concepção de homem e de mundo essencialmente prática e imediatista, evidencia-se uma pedagogia sofística, capaz de transmitir as virtudes tanto particulares como públicas, por meio de métodos persuasivos de ensino. Correspondia às exigências dos jovens ricos e/ou aristocratas, sequiosos de poder e de glória, e dispostos a aprender com os sofistas no menor tempo possível a dialética e a retórica, tidas como técnicas indispensáveis para se sobressaírem nas disputas políticas.

De outro lado, defendida por Sócrates, distingue-se uma pedagogia do esforço, apoiada na consciência de que a busca pela verdade é uma tarefa incessante e infinda. Segundo testemunho de Platão, Sócrates compreendera de que nada valia aprender por meio dos métodos persuasivos utilizados pelos sofistas, porque isto não significava realmente aprender. O fato de ensinar noções, fundamentando-as em hábeis e ardilosas exposições orais, na tradição, no senso comum ou nos mitos, seria quando muito convencer, nunca ensinar.

Para Sócrates, a verdadeira aprendizagem pressupõe que o aluno encontre em si mesmo as razões que legitimam os conceitos pois, somente dessa forma é que tais razões podem constituir verdades compreendidas e atuantes. A sabedoria não se pode adquirir sem custo e a verdade não se reduz a uma lição recitada, nem pode ser uma dádiva de um homem a outro. A verdade só pode surgir como resultado de uma busca e de uma luta que cada ser tem que travar consigo próprio. Este parece ser o

² Conhece-te a ti mesmo”.

significado mais profundo do lema que representa a base de toda a sua filosofia: “conhece-te a ti mesmo”.

Deste princípio, derivou-se a maiêutica, cuja estrutura e sentido repousam no diálogo entre mestre e discípulo. Somente a discussão cerrada e incessante, a análise lenta e penetrante e o confronto sistemático das razões contrárias podem levar o interlocutor ao caminho da verdade. O mestre que se preocupa em transmitir conhecimentos ou em persuadir por meio de exposições brilhantes, concorrerá sempre para a formação de consciências passivas, incapazes de encontrar por si mesmas os fundamentos de suas certezas.

O paradoxo de todo o ensino é resumido por Sócrates no diálogo *Menon*, ao afirmar que é impossível ao homem procurar quer o que sabe, quer o que não sabe. O que sabe não o procurará porque já o sabe e, portanto, nenhuma necessidade tem de o procurar. O que não sabe, também não procurará pois que igualmente não sabe o que deve procurar. Por isso, o saber permanece sempre o segredo daquele que sabe. Ninguém pode aprender ou ensinar nada a ninguém e, neste caso, a única lição de Sócrates pode ser resumida na expressão enigmática que dirigiu a seus julgadores na Apologia: “Eu nunca ensinei ninguém!”.

Objetivo da filosofia como pedagogia

Se, por um lado, o *nosce te ipsum* pode representar o único método pedagógico capaz de fazer surgir o espírito da filosofia numa consciência, garantindo ao espírito certa segurança contra o perigo de aderir às certezas tidas como definitivas, por outro lado, nem sempre é capaz de produzir a paz de espírito que os alunos almejam. Poucos são os que se conformarão com a perspectiva da solidão intelectual que os rondará implacavelmente e que é freqüentemente incompatível com a felicidade e com o bem estar espiritual.

Assim, o preço a ser pago por quem recusou a aderir a certezas definitivas e à morte espiritual é sempre muito alto e incompreensível aos demais. A pessoa terá que conviver com a ansiedade, a dúvida e a consciência de que cada qual deverá buscar dentro de si os caminhos da existência, pois ninguém poderá ensiná-los.

Diante desse sentimento de impotência, o que um mestre de filosofia pode ensinar?

Segundo Villalobos, a única coisa que pode fazer um professor socraticamente convencido de que nunca ensinará quem quer que seja é o de convidar os alunos à reflexão contínua sobre si mesmos, levando-os a reconhecer que algumas “verdades”, embora próprias de seus mundos e de certa forma intransferíveis, apresentam efeitos positivos em suas relações com os demais.

Esse representa um objetivo valioso da filosofia como pedagogia, à medida que alguns alunos aprendam a conduzir-se por si mesmos e passem a considerar que um acordo entre os homens é sempre possível, apesar de transitório e limitado.

Conclusões

A filosofia que nos foi ensinada nas disciplinas de Filosofia da Educação com o mestre Villalobos era na verdade um objeto de reflexão tanto e as informações que nos eram dirigidas conduziam inexoravelmente a um lento esforço pessoal de elaboração e de crítica. Todas as ideias, fundamentos, concepções e ideais que alimentaram a humanidade desde o nascimento da cultura ocidental na Grécia antiga eram submetidos ao nosso exame, nada nos era imposto e cada um de nós apossava-se dos diversos ensinamentos de maneira única e intransferível.

Na verdade, nossos mestres de História e Filosofia da Educação não chegaram a nos ensinar nenhuma filosofia, pois nada se ensina realmente em relação à filosofia. O que eles realmente nos ensinaram foi a filosofar, a fazer novas e novas perguntas, porque a autêntica filosofia não é nenhuma solução, já que ela é em si mesma um problema que se desdobra continuamente e ganha sempre novas formas, como um caleidoscópio. Pelo fato de ser um problema que se desdobra ininterruptamente, nunca haverá uma certeza absoluta, pois a filosofia é e será sempre um interrogatório permanente sobre o homem, sobre o mundo que o cerca e ao qual ao mesmo tempo transcende.

Portanto, aprender a filosofar é aprender a questionar, a reconstruir-se continuamente, a abrir mão de verdades por mais cativantes que nos possam parecer, a evitar a precipitação do juízo e as generalizações apressadas, a entender o que de fato significa a liberdade do espírito e a independência da razão. Esse foi o espírito que alimentou a formação clássica que recebemos nas aulas ministradas.

Quanto a mim, a formação clássica recebida durante o Curso de Graduação e Pós-graduação foi decisiva e tem direcionado continuamente minha trajetória de vida, tanto no âmbito pessoal, como no âmbito profissional. Quando defendi meu doutorado junto à Universidade de Madri, pude aquilatar como tal formação foi importante para o meu desempenho e pude constatar que a solidão e a inquietude são condições inalienáveis de pessoas que, assim como eu, jamais se contentaram em aderir precipitadamente a verdades ou dogmas considerados por outros como inquestionáveis e definitivos.

E enquanto professora, tenho feito das palavras de Montaigne um desafio constante a ser enfrentado em diversos momentos de minha existência, tanto como docente ou como gestora:

“Nada se lhe enfiará na cabeça por simples autoridade e crédito. Que nenhum princípio [...] seja seu princípio. Apresentem-lhes todos em sua diversidade e que ele escolha se puder. E se não puder, que fique na dúvida, pois só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião [...] Quem segue outrem não segue coisa alguma; nem nada encontra, mesmo porque não procura”.

Montaigne, **Didática Magna**

Bibliografia

CASSIRER, E. **Antropologia Filosófica**. São Paulo, Mestre Jou, 1972.

GUSDORF, G. **Professores para que?** Lisboa: Moraes, 1970

HUME, D. **Investigação acerca do entendimento humano**. São Paulo, Editora Nacional, 1972.

POINCARÉ, H. **O valor da Ciência**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

VILLALOBOS, J. E. R. **Lógica e Existência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

VILLALOBOS, J.E.R. Ciência, Educação e Esforço. In: **Revista Pesquisa e Planejamento**. São Paulo, Centro Regional de Pesquisas Educacionais Prof. Queiroz Filho, vol. 6, dezembro, 1963, pp.155-169.

VILLALOBOS, Maria da Penha. Os fundamentos de uma pedagogia. **Revista Didática**, São Paulo, UNESP, vol 16, 1980, pp.19-27.

PLATÃO, **Diálogos**. 3ª ed. Porto Alegre: Edt. Globo,1954.

JAEGER, W. **Paidéia: a formação do homem grego**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**. Vol. III, nº. 5, p. 1-203. São Paulo, 2000.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Cadernos de História e Filosofia da Educação**. Vol. IV, nº. 6, p, 1-258, São Paulo, 2001.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Curso de Pedagogia**, 1993. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Disciplinas de Filosofia da Educação e História da Educação do Curso de Pedagogia da FFCL**, 1970 (programas apostilados).

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Disciplinas da Pós-Graduação da Área de Filosofia e História da Educação**. São Paulo, 1971-1972 (Programas apostilados).

Recebido para publicação em 06-02-17; aceito em 09-03-17